

Educação especial e a pintura¹

Lu Rocha²

A pessoa com deficiência nem sempre foi valorizada e respeitada pelos seus diferentes, por muito tempo representou segmento totalmente ignorado, sendo, portanto, vítima de abandono, rejeição, maus-tratos e até mutilações. Foi apenas a partir do século XX que começou a ter uma melhor aceitação do deficiente, momento em que se iniciou a sua desinstitucionalização e educação escolar. Até este período eram segregados e praticamente privados de convívio social. Entretanto, verifica-se que as conquistas ainda foram poucas, pois o preconceito, a ignorância e a discriminação ainda são muito fortes em relação ao deficiente e a deficiência.(SPML, 2020)

Neste contexto percebemos a desvalorização da pessoa com deficiência ao longo da história. No cenário atual, as mudanças vêm sendo feitas aos poucos.

Na escola regular com a inclusão dos alunos com deficiência nas salas de aulas, porém, isso não é o suficiente, visto que esses alunos às vezes são acompanhados por um professor de apoio, mas este não tem formação das disciplinas específicas e não consegue dar o “apoio” necessário.

O plano de aula feito pelo professor regente é um plano que não abrange o aluno especial, e dependendo do tipo de deficiência do aluno, ele não consegue reter nada do que foi dito, pois não houve uma adaptação da aula para este público.

Conforme o Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a educação especial,

[...]se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais.

Nesse sentido houve a necessidade da criação de centros especializados para o atendimento desses alunos, visto que nestes centros há profissionais especializados para atender esta demanda.

¹ Este capítulo faz parte da monografia apresentada na conclusão do curso de graduação em Artes Plásticas licenciatura da Escola Guignard - UEMG, 2018, tendo como orientadora a Prof^a. Especialista Graciara Oliveira Silva e como leitor Prof^o. Doutor Sebastião Brandão Miguel.

² Lucimar Ap Rocha Lizardo, graduada em Artes plásticas licenciatura pela Escola Guignard - UEMG e graduando em Artes plásticas bacharelado.

Neste caso, os atendidos/alunos são estimulados no processo de aprendizagem individualmente, “o portador de necessidades especiais pode criar e recriar sua própria cultura de maneira sincrética e dialógica, por não ser alguém impossibilitado para o aprender” (BARBOSA, 2008, p.99).

Neste seguimento, a minha experiência na educação especial no ensino regular não foi muito produtiva, visto que na escola pública o professor tem que lidar com 40 alunos ou mais por turma e nesta composição estão incluídos alguns alunos especiais, porém com 50 minutos de aula, uma vez por semana fica impossível o professor regente ter um contato mais afetivo com esses alunos. Mesmo com a ajuda do professor de apoio não é possível ensinar arte de maneira eficaz para eles. E a falta de recursos das escolas, impossibilita uma atividade específica de ateliê para este grupo.

Todavia, no Centro Especializado de Educação Especial Antônio Carlos Lemos no município de Contagem, no qual ofereço oficina de artes, a chance do atendido ter uma compreensão melhor do que é ensinado é bem maior, pois eles estão lá com um objetivo específico que é participar das oficinas que são oferecidas no local.

Este Centro de atendimento oferece os recursos necessários como ateliê de artes bem estruturado, materiais necessários para o ensino da arte que são comprados com recursos do município.

Como professora, tenho total autonomia para ensinar, mas me é exigido, que os alunos apresentem um produto final para que os pais vejam o resultado do trabalhos dos seus filhos.

Meu papel neste cenário é ensiná-los as linguagens artísticas e estimulá-los dentro da capacidade de cada um, mas sem forçá-los, como explica Iavelberg:

O papel do professor é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte. Tal ação envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação professor/aluno e aluno/aluno, estendendo-se a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. (IAVELBERG, 2003, p.10)

É um desafio ensinar arte para a educação especial, pois não tenho uma formação específica neste sentido, fiz somente um curso de extensão sobre o autismo.

Portanto, venho adquirindo experiência na convivência com os alunos, todavia, quando encontro alguma dificuldade em adaptar algum objeto aos que têm dificuldade motora, recorro a professora do CAEE que é especializada em educação especial e inclusiva.

Tenho a possibilidade de trabalhar com diversas deficiências tais como: a síndrome de down, o autismo, a deficiência intelectual, cadeirantes que não falam e que se comunicam com os olhos e movimentos com a cabeça e não tem controle sobre os braços.

Os alunos que tem síndrome de down, em sua maioria, entendem a proposta de imediato, mas em algumas situações tendem a exagerar no uso dos materiais mesmos sendo advertidos. Alguns são independentes, isto é, não necessitam da atenção sistemática do professor, mas outros precisam ser incentivados a todo momento.

Em alguns casos do espectro autista, eles entendem a orientação, mas a todo momento solicitam a minha presença e fazem o trabalho muito rápido. Todavia, em outros graus do espectro, o indivíduo precisa ser acompanhado de perto.

Quando não gostam da proposta, dizem que estão cansados e desistem de fazer, então preciso apresentar outra proposta que seja mais prazerosa para eles.

Os deficientes intelectuais que falam, explico o passo a passo do processo bem devagar. São incentivados a me chamarem quando terminam àquele passo, para que eu possa ensinar o próximo.

Já os que não falam, eles se comunicam com os olhos, com a cabeça ou com os braços ou mãos. Entendem o que deve ser feito.

Ao todo são 45 pessoas atendidas, com idade entre 18 a 50 anos. As oficinas são oferecidas de segunda às quintas-feiras. Os atendidos são separados em grupos denominados 1, 2, 3 e 4 que são de acordo com o desejo e habilidade de cada um. Cada grupo tem um professor de referência para que eles possam ter uma rotina, pois uma vez que a rotina deles é interrompida, eles têm dificuldade de

adaptação. Meu grupo de referência é o três, isso quer dizer que estarei com eles três vezes por semana, o 2 e o 4, duas vezes e o 1, uma vez.

Ensinei a técnica artística da pintura, iniciei o trabalho com eles com o estudo das cores, a princípio levei o livro “Mistura de cores” de Ian Sidaway, folhee o livro e fui explicando, com exemplo, de como as cores se misturavam e se transformavam em outras.

Cada um teve oportunidade de criar sua paleta através das cores primárias. Alguns dos alunos tem dificuldade com mãos em relação a segurar o pincel, assim sendo é preciso que o pincel seja preparado de maneira que ele se encaixe na sua mão, visto que ele não tem controle da força que emprega no mesmo.

Para preparar o pincel é necessário enrolar o cabo com TNT e depois passar fita crepe por cima de maneira que o cabo fique mais grosso para que o cadeirante possa segurá-lo confortavelmente.

Depois do estudo das cores, mostrei livros com obras de vários estilos da história da arte, expliquei como cada artista se expressava, pois a argumentação de alguns, era que não conseguiam fazer certo. De acordo com Barbosa (1994) a leitura de imagem, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que elas sejam.

Na sequência, apresento algumas sugestões de temas que podem ser trabalhados. Deixei que cada um escolhesse o tema no qual gostaria de pintar, e depois de escolhido os ensinei a preparar a tela para pintura.

Algumas propostas escolhidas foram paisagens, retratos, autorretrato e objetos de estima. Os cadeirantes que não tem controle sobre seus membros, o trabalho é realizado da seguinte forma: peço que eles escolham um tema, vou falando os temas e eles indicam com a cabeça ou os olhos o que querem pintar, em seguida mostro as cores e eles escolhem da mesma maneira. Quando o tema e as cores já foram decididas, começo o processo, seguro a tela sobre a cadeira de rodas, ajusto o pincel em suas mãos.

Para alguns é preciso segurar os braços por causa dos espasmos, vou virando a tela de acordo com o movimento. Os que têm controle em somente um dos braços, deixo-os trabalhando os movimentos com liberdade.

Dentre os grupos pude perceber que alguns deles não demonstraram prazer com a pintura, apenas pegam a tela e vão cobrindo-a com várias camadas de tinta, como se não entendesse a proposta.

Tenho que repetir várias vezes o que é preciso ser feito, aqueles que colocam camada sobre camada de tinta, vou conversando para saber do que gostam e sugiro fazermos algo neste sentido, mas existem alguns que logo dizem que realmente não gostam de pintar e só passam o pincel sobre a tela sem nenhum prazer e dizem que terminaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado é muito importante que o aluno também esteja interessado ao que é proposto a ele e cabe ao educador o estimular de maneira que o conteúdo se torne atrativo para que haja uma troca.

Na educação especial existe essa troca, mas muitas vezes me questiono se o aluno tem retido o que dito repetidas vezes a ele, se a proposta apresentada de alguma forma o acrescenta em alguma coisa, principalmente aqueles que não sabem falar.

Algumas vezes me emocionei com a animação de alguns quando pego a tela coloco em cima da cadeira e depois encaixo o pincel em suas mãos e eles abrem aquele sorriso, mas fico na dúvida se a fruição que arte propõe os tem alcançado de maneira efetiva.

Por fim, penso que temos que conhecer nossos alunos de maneira que possamos criar soluções mais adequadas para seu processo de aprendizagem e desse modo percebo que o educador precisa de busca contínua de conhecimento.



Estudo da cor com as cores primárias.
Da esquerda para a direita: Daniela e Thales.³
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Fabrício - Preparação da tela.
Fonte: Acervo da autora, 2018

³ Todas as fotos em anexo foram autorizadas o uso da imagem.

Preparação da tela.
Fabrício.
Fonte: Acervo da autora, 2018



Preparação da tela.
Fabiano.
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Pintura da tela.
Lucas e Fabiano.
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Naele - Pintura acabada.
Fonte: Acervo da autora, 2018.

EXPOSIÇÃO DAS OBRAS



Obras figurativas.
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Autorretratos
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Autorretratos
Fonte: Acervo da autora, 2018.



Autorretratos
Fonte: Acervo da autora, 2018.

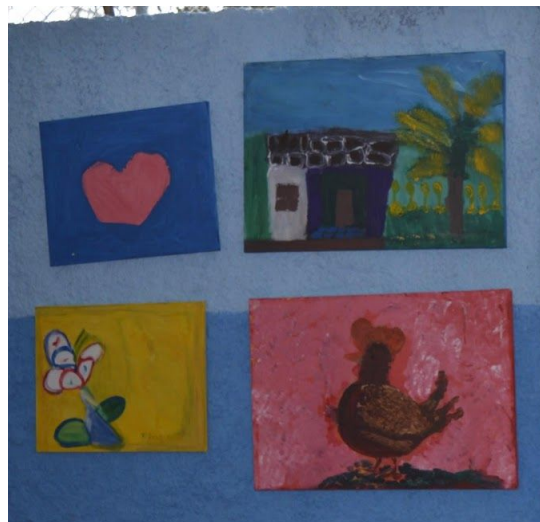


Obras abstratas.
Fonte: Acervo da autora, 2018



Abstrato

Fonte: Acervo da autora, 2018.



Obras figurativas e paisagem
Fonte: Acervo da autora, 2018.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil - Realidade hoje e expectativas futuras**. São Paulo, 2012.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003. _____. Material didático como meio de formação – criação e utilização. In: Educação com arte/série Idéias 31. São Paulo: FDE, 2004

TESSARO, Nilza Sanches. **Inclusão Escolar: Concepções De Professores E Alunos Da Educação Regular E Especial**. SPML, 2020. Disponível em: <<http://www.spml.com.br/inclusao-escolar-concepcoes-de-professores-e-alunos-da-educacao-regular-e-especial/>> Acesso em: 30 Jul., 2020.